

## EDITORIAL

A despeito da pluralidade temática e das formas de abordagem, o que é frequente em revistas da Geografia, percebe-se nos artigos reunidos neste número da GEOUSP um elemento comum, que também reforça uma notícia já não tão nova, mais ainda assim muito boa. O elemento comum é a presença constante do debate teórico tanto na formulação de problemas mais abstratos quanto nos estudos de caso. Poderia parecer desnecessário ressaltar esse aspecto em se tratando de artigos científicos, mas não o é, se tivermos como referência as práticas dominantes da Geografia até os primórdios dos diversos movimentos de renovação inaugurados a partir dos anos 1960. Por mais que as possibilidades de renovação sejam diversas e por vezes conflitantes, nos parece inegável que o novo valor dado às elaborações teóricas é uma conquista definitiva da ciência geográfica, e os artigos dessa GEOUSP são apenas mais demonstração desse avanço.

Uma das ocorrências mais importantes na abertura teórica que a Geografia vem operando com sua renovação foram as frentes de diálogos engendrados com autores de outras áreas, em especial com aqueles que viram na dimensão espacial das relações sociais um dos elementos mais produtivos para a construção de uma teoria social crítica. Esse é o caso da obra de Henri Lefebvre já bastante enraizado

no repertório da ciência geográfica. Enraizado não quer dizer bem compreendido e é nessa direção que o artigo de Marta Inez Medeiros Marques investe, revisitando a *Teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre*. Discutindo a constituição complexa do pensamento do autor, a partir de suas diversas inspirações filosóficas, o artigo argumenta contra certas confusões comuns na interpretação da obra do autor, um dos próceres de um dos pilares da renovação da Geografia que é o tema da produção do espaço.

Uma segunda tendência identificada no conjunto dos artigos, que não se desliga da presença constante do debate teórico notada anteriormente, é a significativa participação do tema do urbano. A GEOUSP nessa oportunidade está publicando 5 artigos sobre a questão urbana, embora dois deles partam do tema da territorialidade do sistema escolar, mas suas discussões estão envolvidas pelo ambiente urbano, o que exige consequentes reflexões sobre essa condição. O mundo urbano que aparece nos artigos mencionados não é mais aquele das escalas regionais, que descreve conjuntos de cidades em territórios mais amplos, e sim um mundo urbano expresso pelo mergulho em suas espacialidades internas e suas repercussões sobre o conjunto das relações sociais. Isso em perfeita consonância com o que há de mais vigoroso na nova Geografia Urbana.

Um dado bastante relevante dessa nova tendência da Geografia Urbana é o empenho de reconceitualização da cidade e do urbano sem desligá-lo dos modos de vida, das ideologias presentes. Algo que sempre foi insatisfatório tem sido mais enfrentado. É nesse contexto que entendemos que se encontra a pretensão de Samarone Carvalho Marinho no seu artigo *Da cidade do modo ter de existência à cidade do modo ser de existência*. Ainda na mesma direção, embora a partir de um estudo de caso, vai o artigo de Luiz Antônio Evangelista de Andrade sobre *A urbanização de Belo Horizonte e a re-produção social das suas periferias metropolitanas: da irrupção à alienação das necessidades?* Nesse caso nota-se também o esforço teórico, a inspiração lefebvriana e a preocupação em não descolar a realidade espacial das relações sociais, que de forma indissociável produzem o cotidiano da sociedade em ambiente urbano. Também Helcio Ribeiro Campos discutindo a *Renovação Urbana do Centro de São Paulo e o Largo de São Bento* mantém as características teóricas já notadas nos outros artigos, explorando o tema das intervenções urbanas e as tão discutidas tentativas de renovação urbana das regiões centrais e os riscos (ou inevitabilidade?) de gentrificação, tema cuja elaboração foi desenvolvida e popularizada pelo geógrafo Neil Smith que faleceu precocemente nesse ano de 2012. Por sua vez, Gilberto Cunha Franca coloca em cena o conceito de território para explorar uma situação em contexto urbano bastante fascinante (e chocante) em termos de ocorrência empírica: escolas públicas situadas em áreas

centrais e valorizadas do município de São Paulo são “assediadas” pela dinâmica urbana e pela própria dinâmica social que incide sobre o sistema de ensino a desabilitar essas instalações como se às escolas públicas se destinasse apenas as localizações periféricas. Trata-se de mais um capítulo insano da segregação urbana de São Paulo, que ocorre sob uma indiferença generalizada. Também operando com o conceito de território, Carlos Martins e Marcos Reigota investem numa análise específica do cotidiano escolar no município de Itapetininga buscando identificar as territorialidades engendradas nessa realidade espacial.

Encerrado o rol de artigos sobre realidades urbanas vamos encontrar uma discussão, também teórica e interessantíssima, que remete para a história da Geografia. Trata-se do capítulo do determinismo geográfico, cujos nomes mais notórios foram Ellen Semple e Ellsworth Huntington. Hilton Jardim de Carvalho Junior, em seu artigo sobre Ellsworth Huntington (*Os clássicos da climatologia geográfica: a contribuição pioneira de Ellsworth Huntington*), investe contra essa pecha que se colou nesse autor a partir do seu *Civilization and Climate*, argumentando que de forma injusta o valor de sua obra foi minorado. A releitura é fundamental, e a injustiça pode ser flagrada, embora, ainda haja dificuldade de se ver com boa vontade trabalhos que ajudaram a construir um imaginário que levou ao desprestígio da Geografia no século XX, como foi o caso do determinismo, tal como assinalou Edward Soja em seu *Geografias Pós-Modernas*. Ainda no tema

do resgate e da releitura teórica de abordagens que concorreram para a história prolífera da Geografia encontra-se o artigo de Paulo Henrique Azevedo Sobreira sobre o conceito de Cosmografia, que faz a interface entre os estudos astronômicos e os estudos geográficos. Essa discussão procura identificar uma necessária participação no quadro das relações sociedade – natureza do denominado espaço sideral, algo que sem dúvida exige consideração e conseqüente reflexão.

Fechando esse número da GEOUSP há uma continuidade de temas, igualmente envolvidos por debates teóricos, que remetem à complexidade das relações sociedade – natureza. Jasmine Cardozo Moreira e Guillermo Meléndez-Hevia entram no tema da turistificação, e lamentam a baixa valorização cultural do patrimônio geológico como meio das práticas denominadas como Geoturismo. Como poderia se dar essa valorização? Em sua argumentação trabalham com dois casos, um no Brasil (Paraná) e outro na Espanha (Aragón).

Explorando também, só que em outra chave, a questão da valorização cultural, que varia segundo grupos sociais diferentes, Rita de Cássia de Paula Freitas Svorc e Rogério Ribeiro de Oliveira discutem a dimensão cultural da paisagem a partir da presença significativa das figueiras em florestas secundárias de Mata Atlântica. Por fim, teorizando, polemizando e tomando partido em torno do conceito de segurança ambiental Gilberto Souza Rodrigues Junior ressalta a importância e premência da aplicação do conceito de segurança ambiental nas políticas de acessos aos recursos naturais, que assim devem constar na agenda dos órgãos públicos.

Nas seções fixas da GEOUSP, teremos notas de pesquisa de campo e notas de encontros.

Boa leitura!

Fernanda Padovesi Fonseca